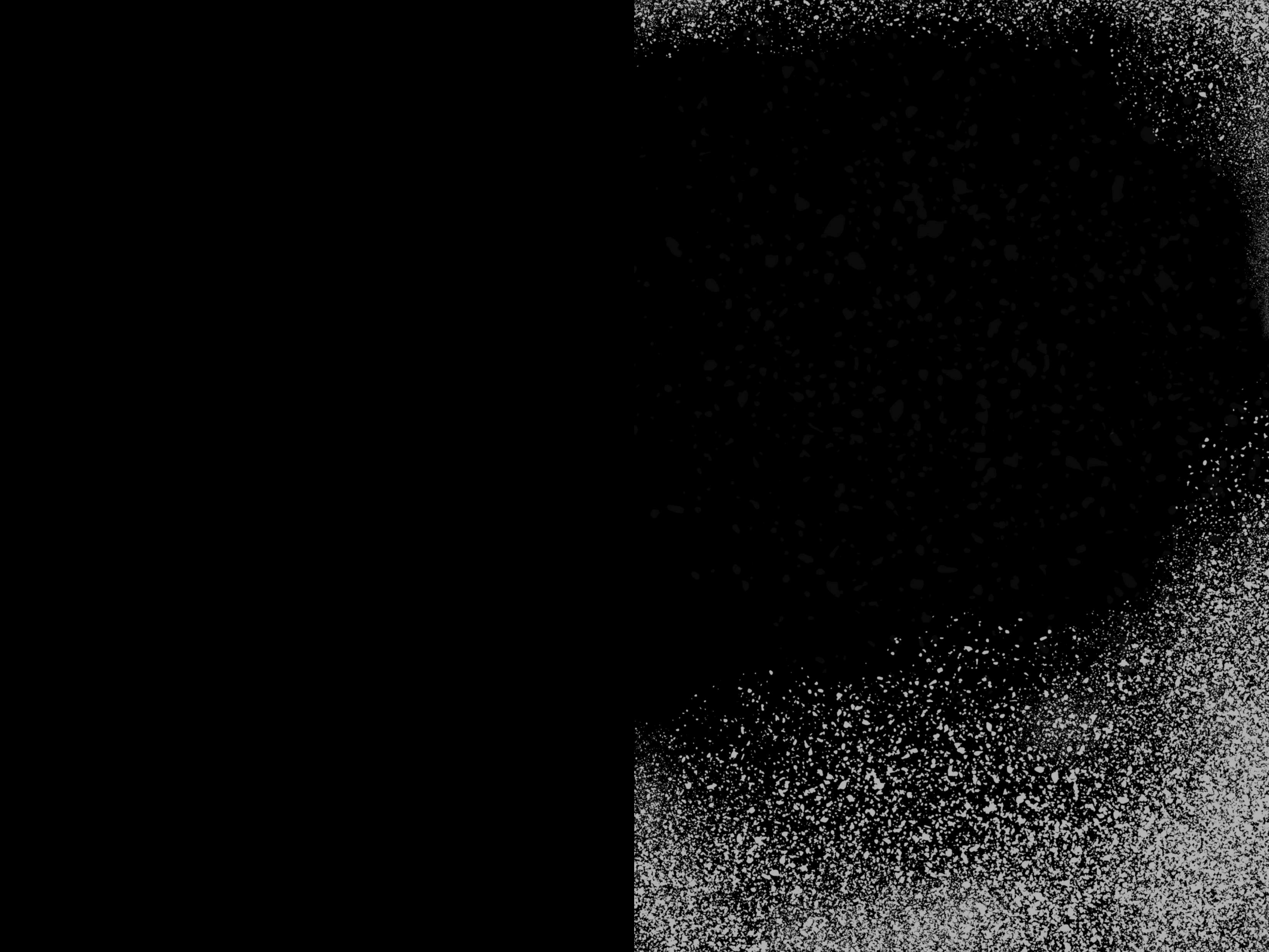
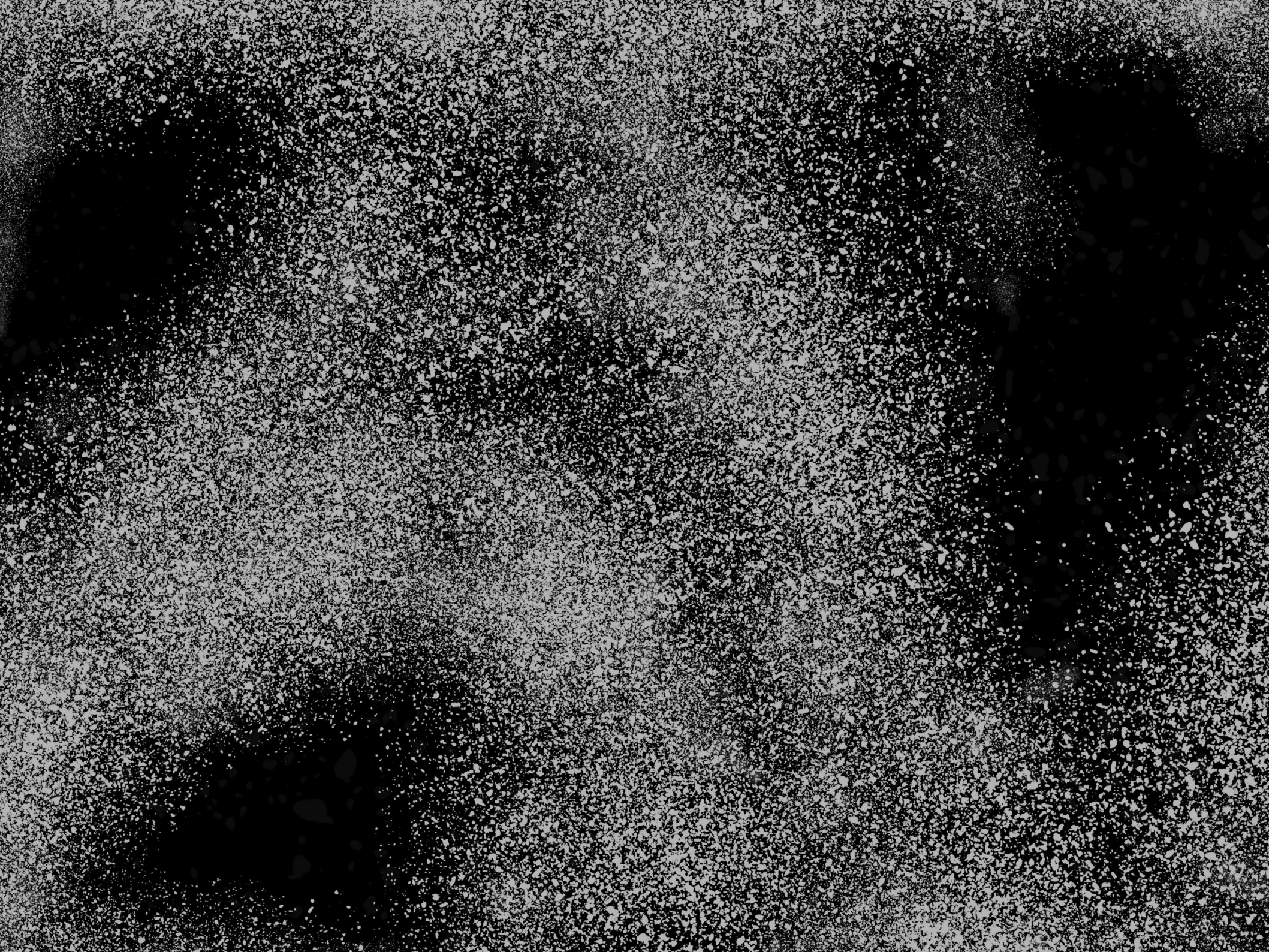




Neste livro, o leitor ou a leitora encontrará oito contos que, apesar de muito diferentes entre si, estão de mãos dadas quando o assunto é expor aquilo que vem com a morte, aquilo que vem com a perda, aquilo que vem com a solidão. São contos em que a saudade fala em algum momento: a saudade de quem partiu, a saudade de quem nem conseguiu nascer, a saudade daquele que não se foi por completo. São histórias que registram o poder da escrita como uma ferramenta para lidar com o sofrimento, com as angústias, com esse impulso de dizer o impossível, de expressar aquilo que é importante. Também são histórias que apresentam jovens, talentosas e ousadas vozes femininas, escritoras que, por meio das palavras, canalizaram sentimentos que nos rodeiam, hoje mais do que nunca, e transformaram a dor em boa arte.





AS PARTES
QUE FALTAM

Brendon H. S. França

Everaldo Rodrigues

João Lucas S. Zampieri

(Org.)

AS PARTES QUE FALTAM

Coletânea de contos

Luiza Venancio Mazieri

Luiza Schiavo Belleza

Sthefane Alves da Cunha

Lígia Andrade

Heloísa Malta Buttini

(Autoras)



Copyright © 2021 by Setor de Publicações do IEL/UNICAMP
Direitos em Língua Portuguesa reservados ao Setor de Publicações do IEL.

Universidade Estadual de Campinas
R. Sérgio Buarque de Holanda, 571, 13083-859,
Cidade Universitária, Campinas, SP – Brasil.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

P257

As partes que faltam / Luiza Venancio Mazieri ...[et al] ;
Organizadores: Brendon H. S. França, Everaldo Rodrigues,
João Lucas S. Zampieri ; Ilustrador, capista e projeto gráfico:
Brendon H. S. França ; Revisor: Everaldo Rodrigues ;
Diagramador: João Lucas S. Zampieri. – Campinas, SP :
Unicamp / Publicações IEL, 2021.

78 p.

ISBN 978-65-87407-06-7

E-book no formato PDF

1. Contos brasileiros. 2. Ficção brasileira. I. Mazieri, Luiza
Venancio, 2000-. II. Belleza, Luiza Schiavo, 2002-. III. Cunha,
Sthefane Alves da, 1998-. IV. Andrade, Lígia, 2000-. V. Buttini,
Heloísa Malta, 1996-. VI. França, Brendon H. S. VII. Rodrigues,
Everaldo. VIII. Zampieri, João Lucas S. IX. Título.

CDD: B869.35

“As coisas mais importantes são as mais difíceis de expressar. São coisas das quais você se envergonha, pois as palavras as diminuem – as palavras reduzem as coisas que pareciam ilimitáveis quando estavam dentro de você à mera dimensão normal quando são reveladas. (...) As coisas mais importantes estão muito perto de onde seu segredo está enterrado, como pontos de referência para um tesouro que seus inimigos adorariam roubar.”

O Corpo, Stephen King

Sumário

Introdução	15
Memória	
Luiza Venancio Mazieri.....	21
Alva retirada	
Luiza Schiavo Belleza	25
Táxi	
Sthefane Alves da Cunha	33
É só uma lembrancinha	
Luiza Venancio Mazieri.....	37
A valsa imbricada	
Luiza Schiavo Belleza	39
Serzinho	
Sthefane Alves da Cunha	47
Valas e caminhos desertos	
Lígia Andrade.....	51
Café da manhã	
Heloísa Malta Buttini	59
As autoras.....	70
Agradecimentos	74

Introdução

Ultimamente, tem sido difícil acreditar em acasos.

Na ocasião da avaliação dos textos enviados para o edital de 2021 da TL224 Publicações, selo editorial do Setor de Publicações do Instituto de Estudos da Linguagem, percebemos de imediato certa quantidade de contos que tratavam de temas muito parecidos, cada um à sua maneira. Além da autoria feminina, essas histórias tinham em comum o fato de abordarem sentimentos que têm sido muito presentes nesses últimos meses.

Perda, luto, saudade, isolamento... O ano de 2020, marcado pela pandemia da Covid-19, pareceu estender-se para além de seus limites e durar mais do que deveria. A sensação é de prisão, tanto figurativa quanto literalmente. Uma espécie de angústia aperta nosso peito. Ainda estamos passando por isso e é difícil dizer quando isso acabará.

Não foi com surpresa, então, que percebemos a iniciativa de cinco autoras de escrever sobre essa angústia

que parece envolver a todos nós. Isso não significa que a escrita dos textos foi motivada pela pandemia e pela dor que ela trouxe; o leitor ou a leitora logo perceberá que, para além da temática, os textos são extremamente pessoais e sequer mencionam o momento em que vivemos. Provavelmente, não era a intenção das autoras que eles o refletissem. Mas os teóricos “mataram” o autor há um bom tempo e é sabido que a literatura, quando lida, ganha novos significados, reflete novas ideias, ecoa de maneira particular em cada um. Por isso, é quase impossível ler os contos que seguem sem pensar no quanto eles parecem dialogar com esse longo ano que ainda não acabou.

Neste livro, o leitor ou a leitora encontrará oito contos que, apesar de muito diferentes entre si, estão de mãos dadas quando o assunto é expor aquilo que vem com a morte, aquilo que vem com a perda, aquilo que vem com a solidão. São contos em que a saudade fala em algum momento: a saudade de quem partiu, a saudade de quem nem conseguiu nascer, a saudade daquele que não se foi por completo. São histórias que registram o poder da escrita como uma ferramenta para lidar com o sofrimento, com as angústias, com esse impulso de dizer o impossível, de expressar aquilo que é importante. Também são histórias que apresentam jovens, talentosas e ousadas vozes femininas, escritoras que, através das palavras, canalizaram sentimentos que nos rodeiam, hoje mais do que nunca, e os transformaram em boa arte.

Em “Memória” e “É só uma lembrancinha”, Luiza Venancio Mazieri trabalha o esforço da escrita em manter vivas as lembranças que sobrevivem com dificuldade

diante da dureza do mundo. “Alva retirada” e “A valsa imbricada”, escritos por Luiza Schiavo Belleza, são textos intrincados, ousados e interessantíssimos sobre como a dor da perda nos afeta e modifica nossa vida para sempre. Sthefane Alves da Cunha, com “Táxi” e “Serzinho”, apresenta dois recortes do cotidiano, textos comoventes repletos de simplicidade e sinceridade. “Valas e caminhos desertos”, de Lígia Andrade, é um conto intenso e cru sobre morte, despedidas e o sentimento de ter ficado para trás. Fechando o livro, “Café da manhã”, de Heloísa Malta Buttini, conta uma história nada convencional sobre fantasmas e, por que não, esperança. Unidos, os oito contos falam sobre aquilo que falta – um parente, um amigo, um amor, uma conexão, uma presença. Por meio de suas palavras, todas essas partes que faltam, espaços vazios que talvez nunca sejam preenchidos, transformaram-se em literatura, mostrando o poder das boas histórias – o de refletir, de fazer sorrir ou chorar.

Especialmente chorar.

Porque sentimentos precisam sair, de alguma forma.

Os organizadores
Inverno de 2021

**AS PARTES
QUE FALTAM**



Memória

Luiza Venancio Mazieri

Escrever é como se esforçar para ouvir algo que o mundo está esforçando-se para dizer. Tento ficar quieta e não o assustar, como eu sei que faria se o interrompesse. Deixo que fale pelo tempo que precise, como fazemos com as pessoas desoladas.

Posso produzir mundos em questão de segundos.

Viajar rios inteiros correndo para os oceanos, passando por infinitas folhagens. Memórias que não tenho, mas que poderia contar. Colchas de retalho juntas podem cobrir o mar absoluto.

Tenho medo de que isso seja só uma mentira da qual me convenci, sem esforço além do próprio dom da palavra.

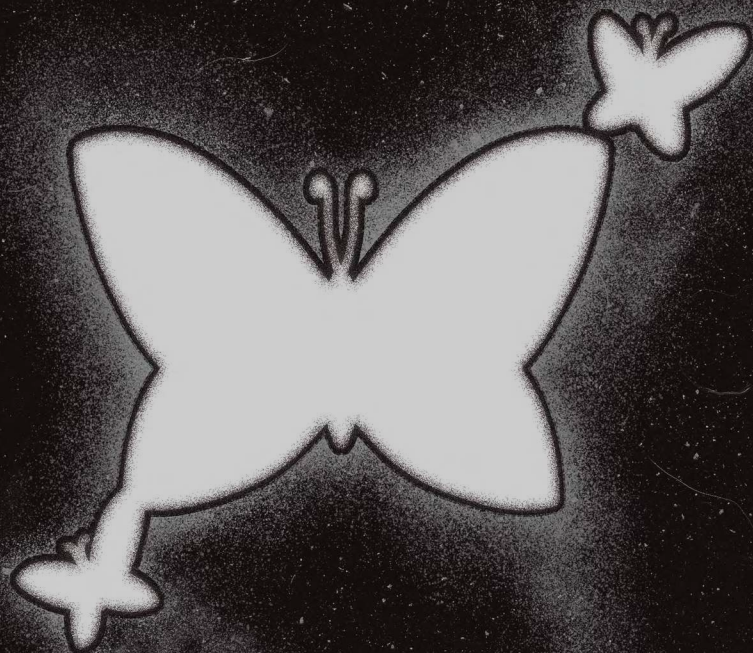
Digo a mim mesma que a escrita fará aquilo que não posso fazer com meus próprios braços. Penso que registrar, analisar e dissecar os acontecimentos é uma prática humana que realizamos juntos. Isso permitirá que as coisas sejam lembradas e discutidas no futuro. É

bom saber que outros também sofrem, pois assim nos sentimos menos sozinhos.

A desolação do mundo é muito mais grandiosa do que eu poderia ter a pretensão de descrever por conta própria. Por mais solitário que o ato da escrita possa parecer, tudo o que eu disse é em adição ao que foi dito antes. E, assim, sei que na verdade não há solidão.

Ainda assim me pergunto. Duvido. A memória (se) adiantará? Existirá? Fará um eco tão poderoso a ponto de se sobrepor às vozes que a diminuem e que sempre se esforçaram para a calar?

Somos mais do que poeira de estrela, somos constelações de histórias que precisamos contar a nós mesmos para sobreviver. Para viver, ponto. Mas seremos capazes de garantir a vida no futuro?



Alva retirada

Luiza Schiavo Belleza

Chão branco, limpíssimo, um mar de azulejos cinquenta e oito por cinquenta e oito, evito, sem sucesso, deparar-me com os pés que cruzam de um lado a outro do salão, tentando afogar-me nesse sem fim de cerâmica encerada. Passam como em parada de qualquer ordem, executando ensaiado desfile: um ou dois por vez afastam-se do grupo onde falam amenidades em tom solene, caminham sem pressa até o outro lado do salão, debruçam-se, aqui, quase sempre, um por vez, sobre a atração central por alguns minutos, erguem-se, enxugam o rosto com as mãos, ou, os mais arrojados, com um lenço e, último ato, voltam com passos igualmente calmos aos da ida. Sem escapar um milímetro sequer do respeitoso e cerimonial, tudo muito sério e honroso, como deveria ser. Não sei se choram por tristeza, raiva ou efeito dominó, o absoluto controle sobre cada movimento denuncia um roteiro para o sentir. Não há sentido algum em nada disso, e não deveria esperar que

houvesse, minha irmã me disse, mas mesmo na absoluta ausência de razão é necessário que algo motive todos a agirem conforme estipulado protocolo, eu não tenho nada me motivando, ela também não teria se visse essa merda toda. Estaria ao meu lado, olhando o chão, pensando no que é que leva alguém a pensar no clima ou no padre Paulo quando dá de cara com sua morte. Os que falavam sobre a razão de estarem ali reunidos não eram melhores, duas ou três pessoas (até agora) se aproximaram para discorrer sobre a efemeridade da vida e o próprio luto, tornando sobre si próprias a ausência de outra pessoa, o que é quase tão feio e muito mais egoísta que a morte em si.

Fernando Pessoa disse, não me lembro quando-onde, que morrer é a última coisa que acontece aos outros – eu deveria ir até lá e sair daqui logo, agora. Alguém já começou a caminhar, na próxima. Esperava que pensássemos em Sandra: isso só vai lhe acontecer uma vez e depois mais nada; mas todos parecem querer apressar a resolução e passar inevitavelmente ao esquecimento, que já dá os primeiros sinais em uma indiferença mal escondida, olhares de relance para o relógio e pés batucando, muito discretos, o chão. Provavelmente os assusta pensar nela, eu entendo, apesar do engano que a falta traz, o olfato lembra do cheiro forte de cigarro e a audição dos gritos irascíveis, mesmo que tenha ido de louca a santa em um fechar de olhos. Quase-cartomante, disse muitas vezes no decorrer dos últimos anos que quando se morre de súbito uma enorme empatia brota em todos os âmagos alheios e que, quando chegasse sua vez, não lhe fizessem nada, que gastassem todo o afeto enquanto ela pudesse aproveitá-lo. Não fizeram. Agora, desfilavam o

comedido luto, que em nada parecia ser dela, o que faz sentido já que agora nada mais era.

Quando a entendi, já estava partindo. Antes disso, por determinação oficial da grande juíza, pouco nos vimos. Tudo o que ela era implicava algum tipo de perda, do prestígio, do renome, do bem-viver, isso era de alguma forma consenso entre os que a cercavam, por isso, passou a maioria dos seus dias em embargo com os mesmos que agora debulhavam sobre seu corpo. Explosiva grosseira descontrolada vagabunda desocupada, tudo evaporou sem deixar rastro assim que o sangue deixou de seguir seu curso. Não tolerava que deliberassem sobre seus passos, tinha uma coragem muito maior que a minha, vivia sozinha e trabalhava estritamente o necessário, crime falimentar. Era feliz, se é que ainda se pode falar em felicidade, parecia ser, por mais que normalmente não sorrisse. Parecia viver em uma espécie de harmonia com o tédio, a raiva, o arrependimento, essas coisas que mastigam a gente um monte por vez. Foram arrancadas antes de nascerem quase todas as lembranças que eu deveria ter com ela, e as que tenho não condizem com o luto que todos parecem sentir, incluindo a responsável central por ela ter se feito ausente em mim há muito tempo. Os olhos de Adriana, sua irmã e minha mãe, mostram uma âncora em seu peito, sentindo a imortalidade recém-conquistada de todas as mágoas não resolvidas, mesmo tendo dito que quando chegasse o dia “honestamente não lhe faria a menor falta” e tendo desperdiçado quinze anos até perceber, quinze anos que ela também tirou de mim. Fiquei ao seu lado durante os últimos meses, mas sinto uma coisa tão menor, quase translúcida, que me sufoca

feito poeira. Deveria sentir mais, gostaria, não sinto. No centro do meu peito, uma raiva amorfa, dos lados em guerra e de mim mesma por não ter sido capaz de remediar, superar, nem sequer de pesar seu último adeus como deveria. Não tive tempo para ensaiar a dor, apesar da doença tornar a morte iminente, não é cognoscível o tempo das Moiras, toda morte é súbita.

Preciso entrar na dança revezada e caminhar até o corpo, não sei se deveria, posso chegar e não brotar uma lágrima sequer, o que certamente será lido como desrespeitoso ou fora do estipulado. Apesar do estipulado não ter sentido nenhum, a exposição seguida por repreensão certa não vale o risco. Quero roubar toda a dor acumulada nessa sala, furtá-la e realizar todos os testes laboratoriais possíveis: primeiro porque assim descobriria se de fato sentem tudo o que choram ou se parte é apenas uma espécie de cortesia exibicionista; segundo porque assim também teria lamúrias para integrar ao ritual coletivo. Quando morrer, quero doados os meus órgãos e tudo que restar reduzido a cinzas, sem que toda a vida seja digerida pelos vermes do fim ao começo, devorada de fora para dentro onde ninguém vê nem sente. Vou até lá. Não, perdi a vez, na próxima.

As luzes, frias, fortes, simetricamente espalhadas pelo teto, os olhares de pena e os choros sentidos me empurram cada vez mais para a quina do salão, como se ordenassem saída. Nada na próxima nada na próxima nada. Os pés batendo contra o chão frio agora são os meus, esse desespero também é meu, a indiferença também, e eles correm devagar, quase sem mover, nas artérias, pingando ardido no coração, medicação intravenosa. Anda logo anda logo anda logo a cabeça grita,

mas não obedeço. A porta convida e meus pés quase instintivamente aceitam, automáticos, contornando o quanto possível a quadrilha em andamento para lá e para cá, focada sempre no próximo azulejo, cabeça baixa e ouvido atento a qualquer sinal de movimento em raio próximo. Tento existir onde ninguém vê, comendo pelas beiradas dos que me cercam seus próximos movimentos para garantir que os meus não destoem e, sem incomodar, chegue ao lado de fora da porta, cada vez mais visível, prometendo um melhor existir.

Ela tinha uma coragem muito maior que a minha. Não tinha vivido pelas bordas, parasitando conveniências e gestos apropriados, nem quando estava em vias de despencar de vez pra fora da existência. Mesmo após o diagnóstico, não abriu mão dos amores, dos bares, dos cigarros, drinks, encontros e folias até que seu próprio corpo a impedisse, o que enlouquecia minha mãe. Desde que descobriu que eu tinha contato com ela, Adriana parecia esperar em todas as conversas alguma atualização, se eu não dava, ela me perguntava, disfarçando a curiosidade com expressão de desgosto. Chamava-a irresponsável, egoísta, até suicida, sem perceber que, apesar de seus esforços, a preocupação transparecia na raiva. Era muito mais como eu: não tinha sequer a coragem de desgarrar a mágoa e ver por baixo dessa camada espessa com a qual vinha se cobrindo. E nunca pisava um milímetro fora do ensaiado, escondendo com graça o treino e esforço necessários.

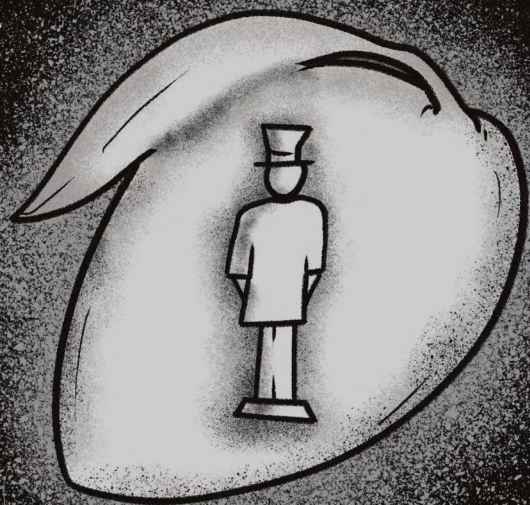
Branco, branco, branco, sapatos pretos de fivela dourada colidem contra os meus, são os mesmos que usava para ir à igreja aos domingos e que encarei mil vezes por ter medo de dizer que não queria ir. Olha-

mo-nos, Adriana e eu. Temos a mesma sobrancelha erguida e olhos arregalados, que garantem uma fixa expressão de susto. Ela se recupera mais rápido do imprevisto, volta à serenidade bucólica de antes e toma meu braço, dando a entender que vamos juntas até o caixão. Vou. Ela arranha disfarçada a bolsa, enquanto arranho meus dedos sem que ela veja; ela olha para os lados, para todos, enquanto olho para o chão e para seus braços; caminhamos em direção àquilo que não nos arriscamos a ver. A caminhada parece eterna, cada passo uma bigorna a mais amarrada aos meus tornozelos, pelo medo de ver seu corpo sem ela o preenchendo, pelo medo de isso não ser o suficiente, pela covardia de não seguir os conselhos que ela me daria e sair rodando daquele salão. Uma culpa me devora de dentro pra fora, um pouco por dia, agora Sandra é um dos nomes desse parasita. Ela detestaria ser colocada embaixo do solo, detestaria ser enterrada na sepultura familiar e faria piadas sobre não querer a eternidade ouvindo bobagens no além. Tenho a impressão de que gostaria de evaporar, subir pelos ares até desintegrar a milhões de metros de altitude, como se fosse borboleta e logo depois virasse fumaça. Um passo decisivo revela nariz, boca, parte do tronco, opacos e mais amarelados do que nunca; como se a imobilidade do corpo me fosse transferida, congelo. Adriana puxa meu braço como se eu fosse um teimoso animal de carga, indócil, atrapalhando o ritmo das despedidas. Levanto o rosto e olhos de todas as partes, lacrimejantes, entediados, vazios, sonolentos, assustados, parecem se procurar em mim. Não encontrariam nada. Adriana diz algo que não escuto e aponta para mim os olhos cerrados, puxa sem

muita força meu braço enquanto com a mão espalmada no centro das minhas costas tenta me conduzir a seguir a dança, mas meu corpo não obedece.

Súbito, escapo dessa valsa e caminho em marcha para além da porta. Penso em Adriana me vendo caminhar para longe, no que pensava, se sentia vergonha e raiva, que justificativa daria aos outros. Tenho vontade de voltar, mas seria pior e poderia levar ao chão qualquer suposto compromisso que ela possa ter inventado para explicar minha saída. Sinto o ar áspero e o chão parece tentar esquivar-se dos meus pés, que se movem cada vez mais rápido. Na lateral da avenida, suspeito que olhares desconhecidos me acusem, possam ver as bolas de ferro que arrasto a cada passo e chiam ardido no concreto. Procuro mergulhar o quanto posso em cada rápido encontro, verificando se percebo em todos a vida indo embora, sendo digerida gradativamente pelos vermes que se alojam e reproduzem no peito e circulam pelas veias. Quantas vezes tinham executado o mesmo movimento, para lá e pra cá da avenida, de um lugar a outro, nos espaços predestinados, devorando e sendo devorados por Cronos até quê.

Entro em qualquer ônibus, sento o mais imóvel possível, olhando o cardume de carros que se deslocam, solitários. Quatro ou cinco borboletas, asas brancas, cruzam a janela, vindo não sei de onde, ultrapassam a altura do ônibus, superando a copa das árvores até que se misturam à alvura das nuvens.



Táxi

Sthefane Alves da Cunha

— Bom dia! Para onde, senhora?

— Para a Zona Oeste, por favor. E bom dia!

Segunda-feira de um junho ensolarado e ainda digno de um casaco leve abraçando a brisa daquela manhã, guiando mais um dia de vendas na grande São Paulo, especificamente na Zona Oeste (ou Z.O. para os mais íntimos). O rádio do carro na estação FM contava com a leitura das mensagens de amor dos seus ouvintes. Se não fosse o locutor anunciando a promoção de rosas vermelhas da floricultura mais renomada da cidade, eu nem teria me lembrado que era Dia dos Namorados, 12 de junho.

Acompanhando a lista das dez músicas mais pedidas na semana, o taxista suspirou com um sorriso no rosto.

— Sabe, moça, hoje fazem 40 anos que sou casado, sabia?

Caramba, os fios brancos no topo da minha cabeça chegaram a pesar, lembrando que eu estava nos meus 38 anos de idade.

— São muitos anos, não?

— É, mas até hoje me lembro de como conheci ela, Maria, o nome. E a senhora, é casada?

Infelizmente, ou felizmente, não. Não sabia ao certo responder se era bom ou ruim dizer que estava solteira.

O trânsito parado, o cinza dos prédios cansados e pelo menos mais meia hora para chegar ao meu compromisso. Foi durante todo esse tempo que preendi minha atenção em uma história de amor como aquelas contadas nos livros.

O senhor taxista, com poucos fios de cabelo e um sorriso que alegrava as marcas da vida no rosto, tirou da carteira uma fotografia em preto e branco de dois jovens no dia do seu casamento. Ela com uma longa cauda e os cabelos em cachos firmes e ele com o bigode feito. Ouvi que as muitas bordoadas por pular o muro da casa vizinha para emprestar (assim ele disse) as mangas maduras da estação renderam um ódio e um amor de mãos dadas. De um lado, a moça brava e aos gritos pelo ladrão de mangas, e do outro, o rapaz que trabalhava modelando brinquedos de argila com as mãos no barracão do Seu Costa.

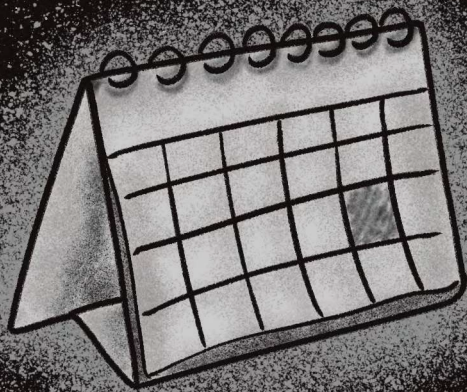
Juro que eu não teria acreditado se ele não tivesse me mostrado um dos bonecos de argila com a data marcada embaixo, um pouco desgastado, mas presente no porta-luvas daquele táxi todos os dias. O moço que roubava as mangas da casa vizinha um dia fez hora extra e viu que a cor dada aos seus brinquedos era através das

mãos da moça das bordoadas. Que moça linda! Custaram bons meses, muitos tabefes e mais nenhuma manga roubada para conquistar o coração daquela moça.

— Ela sempre foi brava, viu, mas eu já estava amarrado com o coração dela desde a primeira vez que saí correndo e rasguei as calças para fugir da gritaria e dos tabefes. Ô mulher daninha!

Era engraçado ouvir os detalhes dessa narrativa e perceber como era possível uma história de amor assim. Chegamos ao ponto final da corrida e desejei que mandasse um beijo a Dona Maria pelos seus 40 anos de casados.

— Pode deixar, senhora, mas ela já deve ter ouvido lá de cima. À noite, quando eu for dormir, vou rezar para Deus e contar para minha amada, no pé do travesseiro, que a senhora mandou um beijo.



É só uma lembrancinha

Luiza Venancio Mazieri

E em fevereiro, em meio a todas as festividades possíveis e imagináveis, estava frio. Consegue acreditar nisso?

De qualquer forma, foi por isso que pensei em você, correndo ao meu lado debaixo daquela chuva fria como o gelo que me penetrou até o fundo da alma. Era pleno setembro, que pode ser um mês muito frio, mas também pode ter dias muito quentes.

Eu tinha 13 anos e ainda era muito vulnerável. Você tinha 14 e já não era tanto.

Enfim, o motivo de eu estar dizendo isso é que o fato de ser um dia atipicamente frio me fez lembrar de você, que sempre foi afeita a climas surpreendentes e reviravoltas atmosféricas. E eu sequer sei se você encontrará sentido no que estou dizendo (será que alguém encontrou alguma vez?), já que isso vem apenas do coração, mas o ponto é lembrar e reconhecer em você aquilo que vivemos juntas.

A valsa imbricada

Luiza Schiavo Belleza

Com largas braçadas sua mente abandona o repouso em direção à superfície, misturam-se os cantos pontuais de pássaros e motores com reminiscências de seu inconsciente. Não olha o relógio para concluir que já passam das oito, reconhece o burburinho programado dos comércios atravessando a janela de seu quarto que se volta para a rua, e culpa-os pelas poucas-horas-mal-dormidas. Levanta-se da cama de solteiro, pequena demais para o quarto planejado para dois, que se fez necessária quando ao acordar na antiga cama de casal assustou-se com o meio-vazio, determinando que lhe mataria o ânimo acordar diariamente ao lado da ausência de Carolina.

No casarão de três andares, exceto a cama, tudo permanecia onde havia estado, mais por uma fixa indiferença do que por um particular conforto com a ordem das coisas. Nas paredes permaneciam retratos, medalhas, certificados e fotografias, das quais ele

desvia, praeteritofóbico; na mesa de jantar, estavam a postos as sete cadeiras e, encarando seis lugares vazios enquanto engole um café amargo, parece-lhe um sonho antigo que outrora fora necessário juntar também as três cadeiras da sala para um jantar de quinta-feira. Sobre os corpos em permanente repouso, em todos os cômodos, o pó acumula-se, evidência indelével do tempo transcorrido, que, se não vista pelos olhos, é sentida pelos brônquios. Aceita o ar nocivo e o cheiro de mofo, sabendo que o espaço é muito maior do que sua capacidade física o permite limpar, mas que melhor seria a obstrução respiratória a outro ser limpando e mantendo sua casa, vendo tudo que há de sujo e esquecido naquela trincheira.

Com o dinheiro cada vez mais curto e o essencial mais caro, corta o que pode para manter o que deseja, preferindo mover o dinheiro do açúcar e certos temperos para algumas doses de bebida forte e, ocasionalmente, algum objeto de desejo. Apesar de se contorcer ao final do mês, equilibrista de garantias e juros, não pede tampouco aceita qualquer forma de auxílio, brandando ensurdecador o seu orgulho com o mínimo sinal de complacência. Durante algumas horas, esquece o tempo em um escritório, tranca as memórias no resto da casa e reserva para si aquele quarto de cinco metros quadrados, onde mergulha em livros já lidos em um outro tipo de relembrar-se, menos doloroso por ser alheio. Sente o sol entrar em linha reta pela janela, iluminando a cadeira de madeira e fazendo visível no ar grãos de poeira, e o estômago, cronométrico, indica a hora do almoço. Em um mar de dias tão iguais que cada passo cotidiano era movimento preciso e ensaiado, não

raro ocorria de Francisco se perceber lendo e, no instante seguinte, estar cortando batatas.

Mas não há descarrilamento sem trilhos.

Inexplicável como são as ações minúsculas, da sonoluminescência à força propulsora de atração dos átomos, existem fenômenos aos quais cabe ao homem aceitar a existência, sem plena compreensão de causas e consequências. Francisco, em seu espetáculo autoficcional cotidiano, perde o tempo, erra o passo, pisa em seu próprio pé enquanto desce as escadas, apoiando-se em uma parede da qual mal lembrava para prevenir a queda iminente. A colisão entre seu tronco e o gesso branco provoca um tremor nele assim como no porta-retrato que ocupava, inerte, os mesmos vinte e cinco por dezessete centímetros em todos aqueles anos; e, se a queda do homem pôde ser evitada, foi irremediável o choque entre o vidro e o chão.

Pelo espaço esbranquiçado deixado na parede amarelada pelo tempo, Francisco não foi capaz de se recordar da fotografia que, por abissal mergulho, estava pouco abaixo de seus pés. Após se recuperar do espanto, segura a parte traseira do porta-retrato e o traz para perto de si, encarando por algum tempo o veludo preto antes de rotacionar o pulso revelando a imagem. Sob o vidro rachado, o casal dançando ao centro, a mão direita dele na cintura de Carolina, a mão esquerda dela repousando sobre seu ombro, entrelaçavam os dedos com as mãos restantes. Apesar das cores modificadas pelas décadas no papel, lembra-se do vestido rodado azul marinho, menos acinzentado do que ele via agora, e do colar que enfeitava o colo, repousado na clavícula dela. Atrás da valsa central, outros pares dançavam e

o fundo da fotografia entregava as pernas do quarteto musical que tocava naquele dia. Pelo que pode lembrar, naquele tempo eram recém-casados, ou estavam para se casar, certamente antes da chegada do que seria o primeiro dos cinco filhos do casal. Toda a cena menos nítida do que foi, antes da proteção quebrada e do incessante passar do relógio.

Agora dançava só. Viu dentro de si, em meio ao antigo cheiro de cigarro e perfumes misturados que tomavam conta das valsas naquele salão mal ventilado, as luzes de velas, as promessas de qualquer ordem incondicional, inevitavelmente descumpridas, o jogo de cintura do qual precisava e jamais teve com a família de Carolina, o som da risada dela quando ele dizia tudo o que não devia. Chuva de arroz, anúncio de margarina na revista, sonho americano, história épica, dançar eternamente “Eu sei que vou te amar” e mais uma porção das do Vinícius de Moraes, um mar de quases sob os cacós.

Exceto pelo sepulcro familiar que compartilhariam quando as traças tomassem conta de seus corpos e pelo sobrenome, pouca coisa os unia. Contrariando uma consciente relutância, veio-lhe à mente que seu cotidiano pouco havia mudado após a morte de Carolina, com exceção de que, antes, apenas cinco das cadeiras na mesa estavam vazias e, ao seu lado, estava ela sentada, muda, tomando o mesmo café que ele, mas com açúcar. Dizia a si mesmo que deveriam ter sido felizes, mesmo com o britar do cotidiano em caos e semicatatonia, toda sua vida e mais duas gerações não poderiam vir e retornar da infelicidade; e que não se pode esperar do amor tudo o que esperam Vinícius, Aristófanes ou Peninha.

Mas sob sua pele, dentro de seus ossos, doía a impossibilidade de mudança, de melhor cuidar e de ser cuidado.

Após o início do eterno descanso de sua companheira, fez-se ainda mais ilhado do que antes, mesmo que entre eles já houvesse todo o Pacífico, ao menos mantinham-se juntos na distância do mundo, conservando sempre uma lonjura própria, cada um dentro de si e cada vez mais fundo. Nos primeiros meses, enquanto Francisco imergia naquela quase prisão voluntária, filhos e familiares tentavam puxá-lo para fora, sem sucesso. Não fazia e muito menos aceitava convites, exceto os de alguns poucos amigos, quando ia a algum baile onde identificava alguns rostos e promessas do passado, caindo com os anos. Pensou nos filhos. Primeiro em Carlos e Heloísa, ele o mais velho e ela a terceira, militar cético e enfermeira reclusa, procuravam por Carolina no pai, ele o chamando incontáveis vezes para o café da tarde que era sua tradição com a mãe e ela o convidando para almoçar ao menos quatro vezes na semana. Mas Francisco não poderia ser aquilo que sequer ela havia sido, santificada pela ausência e ele cada vez menor. Havia sido selecionado para um papel ao qual nunca havia se candidatado ou decorado as falas, sentindo-se num imprevisto agonizante e prestes a ser descoberto a qualquer momento. Depois, pensou em Manoel e João Paulo, os mais novos, nascidos em meio à Pangeia matrimonial, quando aquele oceano brotou rompendo a expectativa de unidade continental. O luto trouxe a eles necessidade de avaliação, de acerto de contas e, por falta de sua cúmplice, Francisco foi o único réu, condenado ao ostracismo em que ele próprio havia se colocado. Seu estômago deu nó, os olhos cerraram,

era fuzilado por seus pensamentos, bambeando entre condenar-se à pena de morte e erguer uma estátua para consagrar-se mártir. Por fim, a cabeça foi parar fundo dentro de seu arrependimento, pousando em Emílio. Compartilhava com o pai os olhos bem abertos e o ar ensimesmado, por uma falta de busca por qualquer um dos lados, semelhantes em sua inércia, a morte de Carolina levou a ponte que os conectava e o tempo fez a saudade criar raízes tão fundas que parecia despropositado sair do caminho natural das coisas. No último contato tiveram um desentendimento sobre a comemoração do primeiro Natal sem Carolina, no qual Francisco escolheu apenas a própria companhia, e a teimosia e orgulho comum proibiram qualquer redenção nos anos seguintes, encontravam-se anualmente, desviando olhares e otimizando palavras.

Emergiu de volta ao corredor vazio, o coração pulsava como se quisesse saltar do peito e os olhos representavam gotas de angústia. Voltou ao escritório e, com as mãos trêmulas e transpirantes sobre a mesa onde repousava o telefone, teclou o número de Emílio. Cada intervalo entre os bipes durava uma eternidade, regada com a expectativa de um alô ou qualquer cumprimento que fosse. Desobedecendo a uma grande parte de si que ordenava que ele desligasse, manteve-se na linha. Um minuto, dois, três, caixa postal. Antes que pudesse ouvir a primeira palavra da mensagem eletrônica já havia desligado e estava mumificado, em continência acidental. Deixou-se ficar assim por alguns instantes antes de sentar-se novamente na cadeira e voltar às leituras que iniciava todas as manhãs. Trancou-se novamente e, dessa vez, guardou a chave em um canto dentro de si que

esperava não recordar. Trancou também a porta do escritório, pedindo ao vazio que cessasse a música permanentemente.



Serzinho

Sthefane Alves da Cunha

Um dia desses o café passado na hora em coador de pano não me caiu bem, corri logo pro banheiro e botei tudo pra fora e assim fiquei o dia todo, com aquele gosto de peixe na boca, sabe? O estômago remexendo e uma azia daquelas que tiram a fome. Nunca fui de médico não, mas dessa vez não tinha escapatória. Desde que comecei a me enjoar com o aroma do tempero de mamãe, sabia que tinha alguma coisa errada. Fui numa clínica da cidade pra descobrir que diacho tava acontecendo.

No dia marcado tava eu lá esperando uma hora depois do agendamento pra sair com um mísero papelzinho pedindo alguma coisa que eu não entendia. Acho que começava com... não sei. Descobri mais tarde que era um tubinho de sangue só e que dali a pouco saía o resultado pra voltar no tal médico. Nem precisei buscar. A moça do laboratório disse que ia tudo pelo computador agora porque eles usavam essa tecnologia aí na coisa toda.

Não demorou dessa vez e rapidinho o doutor me chamou.

— A senhora está grávida.

— Que o quê?

Entendi que ele tava dizendo que um serzinho novo crescia na minha barriga já fazia um mês e por isso a menstruação já não aparecia há uns tempos. Levei uma sova da minha mãe pra explicar que o João do bairro tinha culpa também, mas só acalmei a velha ali quando consegui arrastar o tal do filho do marceneiro lá pra casa, de chapéu e tudo.

Meu pai já descansava em algum lugar desse mundo grande e minha mãe insistia na besteira que nos metemos dali a nove meses. Eu só sei que tava contente e João também, eu ainda mais porque ia usar meu vestido de linho branco e montar meu buquê de margaridas pra entrar na capela do padre Sebastião, ali da vila.

Minha barriga crescia bonita nos meses que o pessoal lá de branco falava de tantas em tantas semanas. Eu vendia ainda as alfaces da horta de casa e cuidava das galinhas que viravam ensopado nas cantinas próximas. Apreendi até a costurar e fui fazendo as roupinhas do serzinho, que eu não quis saber se ia ser Mariazinha para trançar os cabelos em cor de chocolate como o meu, ou se o João repassaria o chapéu de montaria do avô na geração de homens da família. De todo jeito, o serzinho aprenderia a montar cavalo de botina e xadrez.

Lá quando minhas pernas inchavam e eu não abaixava mais pra esfregar a roupa na beira do riacho senti uma dorzinha que não era boa. Levantei da cadeira de palha e um fiozinho vermelho descia nas minhas coxas, manchando meu vestido de ir pra igreja. Chamei minha

velha porque não queria que o serzinho passasse ruim lá dentro, mas assustei ainda mais com o grito que ela deu pedindo um carro pelo amor de Deus pra ir a um hospital. Eu já esperava que o serzinho nascesse naquele dia mesmo e até o João veio ansioso me acompanhar.

Aquele doutor apareceu de novo, mas dessa vez com uma cara feia, de quem comeu e não gostou, falando em aborto. Eu até compreendia o significado daqueles termos que o médico explicava, mas ainda preferi perguntar o que era para entender melhor o que havia acontecido com o serzinho. Descobri que o serzinho não se mexia e que seu coraçãozinho não fazia mais tum-tá. O serzinho tinha ido lá com o avô, pra outro lugar que eu não sabia onde ficava, pra não voltar mais pra nossa casinha.

Triste fiquei ali com o João quando minha barriga murchou de vez, mas mais ainda quando o doutor me respondeu que nenhum outro serzinho ia crescer ali dentro pra eu ensinar a fazer trança no cabelo ou pro João mostrar como se planta gengibre. Mamãe segurou minha mão e num piscar de olhos já tinham se passado cinco anos, restando somente eu e o filho do marceneiro. Ela também tinha ido ver meu velho. João era inteligente sim, mas logo mais despencou lá do morro alto quando tocava o rebanho e me deixou cá, fazendo ponto de lã, pra quando eu encontrasse todos eles em algum lugar desse mundão afora junto com meu serzinho, dar pra ele o gorrinho que tinha aprendido a fazer.



Valas e caminhos desertos

Lígia Andrade

Como é que um corpo morre? Talvez a pergunta seja outra, mas não me ocorre agora porque eu agora não passo da morte. Na verdade, não sei mais o que digo, perdão, já cruzei inadvertidamente a linha da morte há algum tempo. Mas o que a gente não previu sobre a morte é que ela mesma tem muito cara de vida. Ou seria o contrário? A gente sempre viveu morrendo, benzinho. De morte morrida, de morte matada, de morte desejada, de morte inesperada, sucessivamente até quando. Até quando, meu pai?

Pai? Doeu em você quando a mamãe me pariu? É que, sabe, eu acho tão esquisito esse negócio de por gente no mundo pra morrer. O nenê nasce berrando porque sabe. A gente sabe. Desde aquele grito primordial que vai sufocando feito um tumor na garganta ao longo da vida até que se engasga com ele. Talvez seja isso, morrer, afinal. A gente vive morrendo aos pouquinhos até finalmente se engasgar com aquele primeiro e

único berro de lucidez com o qual viemos pro mundo. Engolimos tudo e de repente a bocarra rasga, vira do avesso e vira tudo uma questão muito simples de antropofagia. A gente nasce sabendo de tudo, mas esquece pra não doer. Cê esqueceu né, pai? É por isso que eu tô aqui. Mas então. Você sentiu? Enquanto eu me esgoelava e cuspi a água do útero da minha mãe junto com a única e invariável verdade da morte que nascia comigo... Doeu em você?

Ai, mas você só faz pergunta besta. Que história de doer o quê? Pergunta pra sua mãe.

Coçou a nuca. Franziu o nariz. Pegou o controle. Mudou de canal. E eu fiquei no mudo.

Pai... Cadê a mamãe?

Sua mãe mudou, benzinho. Sua mãe tá no mudo, meu bem. Sua mãe tá no mundo, filhinho. Sua mãe agora é mundo, neném. Morreu. Vive meio morta esfarelando ali pelos vãos das paredes da sala. A verdade, benzinho? Você matou quando nasceu, mas você, você já nasceu morte também porque nessa merda de mundo é assim que funciona, ou a gente morre porque já nasceu pra isso ou a gente morre porque esqueceu da merda que veio fazer nesse pedaço de inferno e numa noite decide não usar a camisinha. A sua mãe e eu quisemos você. Porque não bastava mais pra gente só morrer, a gente precisava matar também, benzinho. A gente quis. Entenda, a gente morre e mata de qualquer jeito. Se morre, morre porque se mata de tanto engolir, se mata, mata porque esqueceu de morrer e achou que podia brincar de Deus. Acho que é só ele quem dá umas boas gargalhadas com essa porra toda mesmo.

Cê acredita em Deus, papai?

Esse texto acaba aqui porque nada justifica essa pergunta.



Irônico que meu último pensamento lúcido antes do impacto tenha sido uma mentira. Nosso cérebro se recusa terminantemente a aceitar o fim de qualquer coisa. Que dirá o fim de tudo... E de repente (porque para a minha lógica não havia outra alternativa possível senão sairmos os dois vivos dessa), minhas mãos, em um único e voluptuoso espasmo, lançaram-se contra você para proteger sua cabeça, seus olhos, seu peito. Eu quis que meus braços fossem longas e espessas asas que pousassem sobre você todo, como um comprido manto à prova de mundo. Porque, naquela fração de segundo, eu quis estar entre você e os infinitos estilhaços de vidro que se esparramaram violentamente pelo ar. Porque eu queria que o carro amaçasse do meu lado. E se a voz do mundo decidisse, num súbito alento, conceder-me um último sopro de vida antes do verdadeiro fim, que fosse sorte minha. Mas que não dependesse da sua sorte.

Mas percebo agora que não sei tanto da minha própria fortuna quanto imaginava. Naquele intervalo entre o impacto e o desmoronar, o vazio trancafiou o mundo em um único eco condenado a repetir-se eternamente como o pêndulo de um grande relógio. A partir daquele instante só haveria os segundos seguidos dele, e o seguinte, seguinte, seguinte dele... Para sempre dele. Uma única nota no mundo, uma única medida suspensa no tempo, um vácuo infinito entre a vida e nosso cenário de morte. E eu não era capaz de tirar

os olhos daquela sonolenta configuração final que pousou sobre sua face. Olhos cerrados. Expressão límpida. Os seus lábios, seus lindos lábios outrora tão floridos, jaziam perpetuamente desbotando entreabertos... Os seus lábios eram a ideia fixa que me ancoravam a qualquer resíduo de sanidade que restasse em mim naquele instante. Eu quase podia ouvir um zunido morno e embriagado subindo espiralado por entre eles... Memórias esfaqueavam-me friamente na boca do estômago. Memórias de como eu passava certas noites em claro observando essa sua respiração ronronante e despreocupada de quem sonha sabendo que vai acordar na manhã seguinte e tomar uma xícara de café recém-passado para curar minha insônia. Você nunca gostou de café, sempre preferiu dormir, mas sempre fez questão de segurar uma xícara cheia pura e simplesmente para que eu me sentisse acompanhada. E toda manhã eu me lembraria da sua respiração durante a noite anterior, quando contemplasse a deliciosa fumaça que exalava do seu café intocado.

Mas não. Dessa vez não era noite, não havia respiração, não haveria café.

E eu não sabia dizer se você sonhava.

A chuva miúda caía inofensiva, acariciando sua carne cada vez menos pele, levando consigo o seu calor. Eu queria segurar as gotas entre as mãos em concha e, quem sabe, dando-as para você beber, elas o restituíssem a chama.

Mas a água gelada escapava-me por entre os dedos trêmulos, atônitos.

Seu rosto impassível, murchando, reduzindo-se a matéria. Você escapando de si mesmo por aquela

mínima fenda entre os lábios. Eu não via, mas sabia que tudo naquele corpo que uma vez foi você evaporava ininterruptamente naquele exato instante, impregnando o ar pesado ao meu redor. Urgia dentro de mim a necessidade de capturar o ar ao meu redor, abarrotado de você, restituir a essência. Precisava selar sua boca sob a minha para mantê-lo nesse receptáculo machucado e encharcado de chuva, estendido sobre o asfalto frio, num beijo eterno de uma despedida que jamais se consumaria enquanto não reabrisse os olhos.

Mas não pude o tocar, tal como nunca o toquei enquanto furtivamente o observava dormir, temendo despertá-lo e despertar a mim também dessa dimensão onírica de todas as noites. E eu não ousaria nos despertar agora. Porque a mente humana não foi programada para aceitar o fim. E eu podia jurar pelos céus que o via dormindo.

Mas é inevitável que o espírito sinta aquilo que a mente tão absolutamente refuta. Acontecia ali algo grande demais para que eu o maculasse com meu egoísmo. Foi por isso que não o toquei em momento algum. E foi por isso que quando o tiraram daquele cenário eu não saí do seu lado em momento algum; não podia deixar que fechassem seus lábios.



Uma espécie de luz lunar em pleno dia espreitava a graça de tudo em que pousava com sua amenidade esperançosa. Esperei demais para sair e começou a chover antes que eu sequer destrancasse a fechadura da porta. Em geral, quando a gente espera demais, alguma coisa desaba sobre nós. Alguma coisa desbota

no impulso primeiro de respirar outros ares. É que o ar impregnado de nós mesmos pode ser muito convidativo, embora sufoque com toda a falta de algo além da matéria corruptível que somos. É que esse ar tem um cheiro familiar, e pisar calçada afora é sujeitar-se aos perfumes de flores outras.

Afinal a chuva se consolou e uma certa tempestuosidade medrosa também descansou em mim, assim que fui capaz de me empertigar para além de minha perspectiva comum e encarar o céu em seus olhos de ressaca. Ele permitiu que eu me demorasse em seu olhar cinzento e sustentou-o sobre o meu. Não é raro que eu me apaixone pelo encanto de olhares alheios.

Devidamente mascarada, eu saí com a consciência tranquilizada pela certeza de não me contagiar. Tememos o contágio, e em geral tememos tudo o que nos invade e nos modifica. E se eu tinha a certeza de que não me acometeria o odor da epidemia, tampouco eu poderia sentir o perfume das flores. É claro que também não é tudo tão fatídico assim. Um mínimo temor há de nos garantir a continuidade da vida que permite a coragem de florir. Com meu corpo vou tecendo gentilmente uma atmosfera cafona nos entremeios da tarde nublada, como se quisesse acariciar esse céu choroso com minha própria substância incitada pelas canções empoeiradas que os fones de ouvido cantam. Um corpo pequeno esgueirando-se pelo tecido atmosférico, como se pudesse mergulhar na estampa de uma das toalhas de mesa da minha avó e passear entre as excessivas flores que gritam suas cores antiquadas. Cor de afeto. De fato, fatos e artefatos antigos nos alimentam com sua melancolia saudosa, mas é quando já saturamos totalmente

o espaço entre nossas quatro paredes que nos damos conta de que a saudade não nos afeta o suficiente para nos mover adiante. Finalmente, a inércia imposta se abrande e a carne estranha a mera possibilidade da nudez exposta. Os odores das flores me invadem pelos poros.

Pergunto-me se esse espanto apresenta-se apenas a mim. Espero profundamente que não, pois gostaria que a senhora que fala ao telefone debruçada em sua janela também visse essa paisagem tão viva quanto eu. Nesse momento, apossou-se de mim um irresistível desejo antigo e provavelmente piegas de florir o mundo sob os olhos dessa vizinha distante. Um “boa tarde” quase escapuliu de meus lábios, mas eu o agarrei pela beirada, apaziguando-o. Algo em seu olhar de repente fisgado pela presença da estranha que bordava sua rua me dizia que ela vislumbrava naquele momento sua própria serenidade. Talvez tivesse a ver com a voz do telefone.

Café da manhã

Heloísa Malta Buttini

Quando as bolachas-da-praia morrem, elas não conseguem se manter no mesmo lugar por mais tempo. Com o movimento das marés, esses seres são eventualmente desenterrados e arrastados em direção à costa.



Pedro acreditava em fantasmas. Há mais de vinte anos ele conversava com o avô morto durante os cafés da manhã. Por isso, nunca podia acordar tarde. Sempre que dormia um pouco a mais, o avô se chateava por ficar sozinho e demorava dias para tomar café com ele novamente. Pedro sabia que o avô continuava aparecendo nesses dias de desaparecimento, o que acontecia era que ele ficava escondido observando com sua mudez fantasmagórica a espera vã do neto. Ele só se convencia a retomar o hábito após decidir que Pedro já havia sofrido o suficiente com a sua solidão.

Do avô, Pedro herdou olheiras que pareciam berinjelas, uma família quebrada e uma casa de praia. Quando ele morreu, um cinzeiro e três pessoas se partiram. A avó foi a primeira a saber. Nos dias de faxina, o avô sempre colocava o cinzeiro de vidro no lugar

errado depois de tirar o pó da mesa de centro da sala. Eles discutiam toda semana pela mesma coisa, porque amor também é sobre rotina. Quando o cinzeiro apareceu rachado sem explicação, ela soube que ele estava dizendo adeus. Naquela noite, ela viu o fantasma e teve medo. Rezou para que ele não aparecesse mais. O fantasma precisou procurar outra imaginação para habitar. Foi quando se alojou no espírito de Pedro.

Já a avó morreu numa daquelas vezes em que Pedro não atendeu o celular. Ele não ligou. A hora estava chegando há muito tempo. Os cabelos escuros sem vida cheiravam a artificialidade e combinavam com as flores de plástico da casa que avó e neto detestavam. Naquela altura da vida, os bolsos dos vestidos já quase não comportavam as mãos gordas. As unhas dos pés estavam compridas e pintadas de cor-de-rosa desbotado. Seu fantasma não apareceu para Pedro nenhuma vez.

Deve ter se reencontrado com João Bastos, dizia o avô. Ela conheceu João Bastos no metrô. Ele era policial e ela não era ninguém. Eles se corresponderam três vezes e então ele desapareceu em uma viagem ou em uma mulher ou no alcoolismo, não se sabe ao certo. O que se sabe é que na vida dela ele já havia virado um fantasma quando o avô perguntou se ela queria assistir *Marcelino Pão e Vinho* no cinema, depois de terem se conhecido na frente das Pernambucanas enquanto ela passeava com a prima na cidade grande. Ela estava em busca do seu passaporte para ser alguém. Ele já tinha trinta anos e nenhum critério. No entanto, se a prima fosse mais bonita, a história seria outra.

Ele tinha olhos azuis de mar, mas João Bastos era mais bonito. Pelo menos não bebia. Prestava. Mas

morreu e partiu o cinzeiro. Morreu e partiu a família de quatro pessoas. Deixou Pedro chorando a falta do desconhecido. Com a companhia do boneco de madeira e da cadeira de margaridas. Com as lembranças vividas pelos outros. A pressão alta e o glaucoma corriam no seu sangue. Ia morrer também. Com os olhos verdes de pântano meio cegos e a família de cinco partida. A maior diferença é que era bonito e não prestava.

O fantasma do avô se entristecia por não preencher a falta que ossos e sangue faziam na vida de Pedro. O neto tentava não se ressentir por ter sido entregue a um espectro do que poderia ter sido e não foi. Essa era a vida como ele conhecia. Uma vida de sombras, fantasmas e restos. Os irmãos ficaram com a luz, a vida e o inteiro. Mas agora não fazia diferença, já que todos eram um cinzeiro. No passado, a casa de praia abrigava os contos de fadas que Pedro passou a infância ouvindo. Histórias de quando havia mar e não havia pântano. Mar e pântano eram incompatíveis e por isso ele nunca havia ido à praia, por mais que o fantasma insistisse há muitos cafés da manhã.

Pedro não sabia nada sobre a relação entre amor e rotina. Ele só era capaz de cultivar as berinjelas que viviam prosperamente embaixo dos olhos. Todos os dias ele se levantava cedo, tomava um café malfeito e conversava mecanicamente com o avô sobre os últimos resultados dos jogos de futebol ou o desempenho das ações. Era difícil saber quem estava morto. Em um domingo qualquer, o avô não apareceu. Pedro amaldiçoou o velho porque já fazia muitos meses que ele não perdia a hora e não havia motivo para aquela chantagem. Olhou atrás da cortina e embaixo da mesa. Procu-

rou em todos os cômodos da casa. O avô não estava se escondendo como em uma comédia barata que às vezes a história deles parecia imitar.

Na quarta-feira, ele ainda não havia aparecido e Pedro parou de procurar. No sábado, ele decidiu dormir até mais tarde. No domingo, não saiu da cama. Aos poucos as berinjelas foram definhando. Ao final de um mês desde o último café da manhã com o avô, Pedro sentiu medo. Ele achava que seu destino era o mais infeliz por ter sido obrigado a viver com um fantasma. Por não ter as lembranças solares com gosto de sal e por ter chegado o mais perto do mar apenas através dos olhos mortos do avô. Mas talvez ele ainda estivesse vivendo uma comédia barata que no desfecho se pretende enriquecedora e precisasse entender que já era feliz e não sabia. Foi quando ele gritou para as paredes que era feliz e não sabia. Que havia entendido. Que estava pronto para saber reconhecer a felicidade dessa vez. Esperou.

O avô não voltou e ninguém pareceu se comover. Pedro ligou para a avó para perguntar aonde ela achava que o fantasma poderia ter ido. Ela foi a única que acreditou no menino que gostava de tomar café da manhã sozinho. A ligação não pôde ser completada porque o número foi desativado. Ele chorou pela morte dela pela primeira vez. Como um protagonista que finalmente faz o que se espera dele, Pedro pegou as chaves do carro e da casa num impulso e dirigiu por quase 500 quilômetros até a praia.

Por quase 500 quilômetros teve conversas imaginárias com o fantasma do avô sobre cinzeiros, rotinas e mar. As três coisas que sempre lhe deram mais medo. O avô não lhe respondia e ele tentou falar sobre fute-

bol e ações. As duas coisas que sempre lhe deram mais conforto. Medo e conforto estiveram sobrepostos em toda a sua vida assombrada por um fantasma e naquele carro abafado ele entendeu que era preciso aprender a respirar mesmo com medo e era preciso ter um pouco de medo mesmo do conforto. A cancela do Sem Parar não abriu no quinto pedágio e ele se lembrou de que o mundo continuava acontecendo e não se importava com a guerra metafórica entre medo e conforto. Era preciso ter carregado o cartão antes de viajar.

A viagem terminou quando já era noite. Mar e pântano reconheceram-se quando Pedro pisou na areia pela primeira vez. Ele já estivera lá. Os quase 500 quilômetros foram encurtados durante sua existência pelas histórias e pelos olhos que serviram de ponte para o desconhecido. Para que assim ele não sentisse tanto medo. Ele caminhou pela costa da praia pelo o que pode ter sido alguns minutos ou uma vida toda. Os fantasmas lhe ensinaram que na morte o tempo não faz mais sentido. O mar não tinha a cor dos olhos do avô naquele momento. Ele era escuro e Pedro entendeu como uma gentileza para que não se sentisse tão deslocado sendo um estrangeiro.

Ele via muito pouco e pisou em algo que gritou de dor. Pedro pensou que pudesse ter esbarrado no seu avô. Mas fantasmas não sentem mais dor. Agachou e se deu conta da presença de algo redondo que ocupava boa parte da palma de sua mão. Era uma bolacha-da-praia das aventuras dos seus irmãos, que com uma maldade infantil as colecionavam ainda vivas, como se fossem tesouros. Ele nunca pensou que veria uma de perto. Achou que ela era mais feia do que sua imagi-

nação infantil tinha desenhado. Decidiu não falar nada sobre isso, apesar de querer pedir desculpas por sua família talvez ter assassinado parte da família dela. Perguntou sobre o seu avô.

A bolacha-da-praia disse que não gostava da ideia de mortos sendo desenterrados. Ela tinha muito medo de não ter seu corpo sem vida protegido pelo conforto da areia. Talvez o fantasma do avô tenha ficado com medo também e achado melhor voltar para debaixo da terra. Pedro explicou que seres humanos não se sentiam confortáveis enterrados. Ela disse que era mentira, pois já tinha visto muitos deles se enterrando na areia da praia. Ele riu e tentou fazê-la compreender que aquilo era diferente. A bolacha-da-praia pediu para que ele a colocasse de volta no chão. Pedro perguntou se ela gostaria de tomar café da manhã com ele no dia seguinte. A bolacha-da-praia permaneceu em silêncio diante da pergunta retórica.

Pedro foi até a casa do avô guiando-se pelo GPS e pelas memórias que não eram suas. Passou por uma sorveteria que era muito menor do que tinha imaginado. A casa ficava na esquina. As chaves estavam todas misturadas e, quando ele finalmente conseguiu entrar, viu os fantasmas do litoral. Versões mais novas e espectrais das pessoas que conhecia no formato de ossos e sangue. Versões que ainda não tinham sido quebradas. Lá tudo era conforto e nada era medo. Ele não poderia se encaixar. Os fantasmas se deram conta de sua presença e lhe perguntaram sobre o futuro. Pedro disse que na morte o futuro não existe.

De manhã o mar era uma imitação dos olhos que pareciam ter sido perdidos para sempre. Pedro andava

com seus olhos de pântano fixos na areia, procurando a bolacha-da-praia. Ele tinha medo de que ela desaparecesse como o fantasma do avô. Mas estava lá. Parcialmente enterrada. Feia. Ainda mais feia durante o dia. Ele não disse nada sobre isso. Sentou na areia e ofereceu um pão da padaria que era muito mais suja do que tinha imaginado. A bolacha-da-praia não reagiu. Ele falou sobre futebol. O seu time tinha ganhado algum campeonato importante na semana passada. A bolacha-da-praia parecia reproduzir a mudez fantasmagórica do avô. Ele decidiu não arriscar falar sobre ações.

Perguntou a ela sobre o mar. Se ela não tinha medo. Ela disse que sim. Todos os dias ela tinha medo por não saber o que existia nele. Todos os dias ela imaginava os horrores que ele podia conter e ela não era capaz de compreender. Pedro disse que ele também continha maravilhas, como axolotes. A bolacha-da-praia pensou em desfazer a mentira bonita que o menino do pântano vivia. Em vez disso, perguntou por que ele também tinha medo. Pedro respondeu que o mar o lembrava da inconstância e do acaso. As suas cores pareciam estar sempre mudando, e ele trazia para a costa aquilo que se movia com a força da casualidade. O encontro dele com a bolacha-da-praia não tinha sido nada mais do que uma coincidência, ela poderia ter se encontrado com um João Bastos ou com uma prima e tudo seria diferente.

A bolacha-da-praia concordou. Pedro disse que voltaria na manhã seguinte. Ele percorreu a cidade litorânea em decadência cruzando com vários fantasmas. Nenhum era o avô. Ele os cumprimentava e muitos viravam as costas por reconhecerem o pântano. No

fundo tinham medo do desconhecido. Na morte não sobra dor, mas sobra medo. Muitas vezes ele desejou ter herdado os olhos de mar e não as olheiras de berinjela. Até que parou de desejar, porque desejar era para os vivos e ele pensava já estar morto, apesar de os ossos e o sangue não o abandonarem. Naquele dia entendeu que o desejo de uma vida toda não fazia sentido, já que a cor do mar não é apreensível. Pensou que a morte devia ser algo muito prático e dotado de sentido pleno por não se permitir desejar. Ainda não estava pronto para ser morto.

Quando voltou para sua bolacha-da-praia, após uma noite se desvencilhando dos fantasmas da casa que queriam o fazer de vidente, viu que ela estava desenterada longe da água. Pensou que fosse algum descuido e começou um discurso sobre os perigos das maldades infantis. Ela não respondeu. Pedro a pegou com cuidado e a depositou na palma da mão. Agora era pequenina e não parecia mais tão feia. Perguntou se ela gostaria de compartilhar algum medo. A bolacha-da-praia permaneceu impassível. Ele disse que tinha medo de nunca a compreender de verdade. A manhã estava se desfazendo em uma tarde ofuscante e exibida. Pedro sabia que era hora de ir, porque amor também é sobre rotina. Foi para perto do mar, cavou um buraco na areia e aconchegou o tesouro no fundo. Cobriu a cova. Pedro acreditava em bolachas-da-praia.

Para Pedro Buttini, que tinha olhos de mar.

AS PARTES
QUE FALTAM

As autoras

Luiza Venancio Mazieri

Paulistana, nasceu em 2000 e é estudante de ciências sociais na Unicamp, tendo se dedicado à pesquisa antropológica sobre tecnologias reprodutivas. Quando não está escrevendo sobre isso, gosta de viajar no mundo ficcional, tecendo poemas, crônicas, contos e os intermináveis projetos de trilógicas fantásticas em mundos longínquos que ela espera um dia conseguir concluir. Um de seus livros de cabeceira é *Tudo o que é sólido pode derreter*, que também foi uma série da TV Cultura e colaborou com sua obsessão por livros durante a infância e a adolescência. Se hoje ela é uma escritora, Rafael Gomes é parcialmente culpado por isso. Escreveu o livro de contos *O Querer e o Amar*, participou da *Antologia Poética IV*, publicada em 2018 pela Editora Futurama e foi uma das ganhadoras do Prêmio Mulheres das Letras 2020 da Editora Litere-se.

Luiza Schiavo Belleza

Nasceu em 2002 na cidade de São Paulo, onde morou até os 17 anos. Lá, pôde perceber – nas ruas, nos metrô, nos ônibus, no comércio – que alguns sentimentos espessos escondiam-se dentro de cada um. Tinha 15 anos quando conheceu Guimarães Rosa, um “criador de abismos”, segundo Paulo Rónai. O escritor mineiro mostrou a ela a possibilidade de tocar com as palavras esses sentimentos densos por meio da busca e da significação. Escrever é “uma tentativa de se fazer esponja em si mesma: mergulhar, absorver o que pode, para depois espremer no papel esse muito de si, que ela espera que respingue um pouco de quem lê também”, diz ela. Vencendo a timidez que a impedia de mostrar os contos que escrevia, participou do edital que originou este livro, sendo esta a sua primeira publicação. Cursa letras na Unicamp desde de 2020.

Sthefane Alves da Cunha

Nasceu em 1998, na cidade de Amparo (SP), e é graduanda em educação física pela Unicamp. Escreve desde os 12 anos de idade. Fã de Clarice Lispector e Jorge Amado, ela abraçou, recentemente, a escrita como uma forma de canalizar suas emoções e, por meio dos contos, encarar com outros olhos o mundo à sua volta. “Tudo me inspira, e busco extrair o mais profundo de experiências, pessoas, objetos, sentimentos”, diz ela, reforçando o poder das palavras, que ganham novos significados quando passadas para a folha de papel (ou para a tela do computador). É pesquisadora em um projeto sobre os efeitos vasculares do treinamento físico em pacientes com insuficiência cardíaca e colaboradora registrada no diretório do CNPq do Grupo de Estudos em Exercício Físico e Saúde (GEEFiS). Esta é sua primeira participação em um livro.

Lígia Andrade

Nascida em 2000, é natural de Fortaleza (CE). Iniciou-se na arte em 2006, com aulas de teatro, circo e dança. Aos oito anos, mudou-se com a família para Sorocaba (SP), onde iniciou sua formação em diversos estilos de dança. Recebeu prêmios em competições como o Festival de Dança de Joinville, o Festival de Dança de Paulínia e o Open Feis Brasil. Também participou de e foi premiada em pequenos concursos de poesia promovidos pelo Colégio Uirapuru, em Sorocaba. Desde então, a escrita manteve-se ligada à sua vida e formação, em diálogo com a dança e o teatro. Desde 2018 estuda artes cênicas na Unicamp, tendo fundado, em 2020, um grupo de estudos de técnicas e poéticas do movimento, participando como atriz-pesquisadora. Também integra os grupos “Vamos brincar?” e “Teatreiras”. Atualmente, segue sua formação como atriz-pesquisadora, escritora, bailarina e arte-educadora, entendendo as possibilidades poéticas, criativas e pedagógicas das linguagens e recursos tecnológicos.

Heloísa Malta Buttini

Nasceu em 1996, na cidade de Franca (SP). Tem graduação em estudos literários e em letras pela Unicamp. É professora de redação e mestranda em literatura brasileira contemporânea. Cresceu longe do mar e perto dos livros. Sua obra favorita é *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, de Clarice Lispector. Escreve desde pequena, em uma tentativa de compreender o mundo. Começou escrevendo sobre um cachorro com um focinho muito grande e hoje escreve sobre bolachas-da-praia. O mundo ainda parece igualmente incompreensível, mas ao menos ela aprendeu a fazer metáforas melhores.

Agradecimentos

Este livro foi produzido como parte da disciplina Tópicos Especiais em Editoração I, dentro do curso de estudos literários do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Pelos ensinamentos e pelo acompanhamento ao longo do semestre, agradecemos à professora Márcia Azevedo de Abreu e à professora Larissa de Assumpção. Nesses poucos meses de disciplina, o aprendizado e a experiência de produzir um livro permitiu um vislumbre de vida profissional muito bem-vindo em tempos tão estranhos.

Pelo apoio durante o processo editorial, agradecemos a Carolina Roberta, Paula Cruciol, Marcia Elizabete, Lucas Lorga, Jessica Didole e Roberto Zurita. Essas pessoas estiveram presentes no dia a dia, incentivando as ideias tímidas e nos convencendo de que éramos melhores do que pensávamos.

Agradecemos às autoras participantes do livro pela contribuição com histórias tão significativas, principalmente no momento atual, e pelo comprometimento e profissionalismo. Que este livro seja um importante passo na carreira de vocês.

E pelo espectral acompanhamento no grupo do WhatsApp, agradecemos à colega e membro oculto da equipe, Isabella Murillo Busato.

Título	As partes que faltam
Organizadores	Brendon H. S. França Everaldo Rodrigues João Lucas S. Zampieri
Coordenação editorial e revisão	Everaldo Rodrigues
Projeto gráfico e ilustrações	Brendon H. S. França
Diagramação	João Lucas S. Zampieri
Formato	14x21 cm
Tipologia	Yeseva One e Garamond
Número de páginas	78

Autoras:

Heloísa Malta Buttini

Lígia Andrade

Luiza Schiavo Belleza

Luiza Venancio Mazieri

Sthefane Alves da Cunha

Organizadores:

Brendon H.S. França

Everaldo Rodrigues

João Lucas S. Zampieri

ETAS PARTES SV QUE FALTAM

Os oito contos deste livro, escritos por jovens, talentosas e ousadas vozes femininas, expõem sentimentos com os quais é difícil lidar: aqueles que vêm com a morte, com a perda e com a solidão.

Neles, a saudade fala em algum momento: saudade de quem partiu, de quem nem conseguiu nascer, de quem não se foi por completo. São textos que registram o poder da escrita como uma ferramenta para lidar com o sofrimento, com as angústias e com o impulso de expressar aquilo que é importante.